
Sujeito e corpo em depoimentos de professoras trans¹: processos de identificação

Raika Beliny Barbacena da Silva
Fernanda Surubi Fernandes
Samuel Carlos Melo

Resumo: O presente trabalho de pesquisa traz dentro da Análise de Discurso relevantes saberes e discursividades sobre professoras trans, com intuito de mostrar as vozes, este empoderamento nos discursos de professoras trans. Uma vez que busca compreender como a professora trans se constitui como sujeito, e quais sentidos são constituídos em depoimentos nos textos de professoras trans, compreendendo a partir de regularidades marcadas na língua, como se identificam. Para realizar a análise utilizamos a teoria da Análise de Discurso, baseando em Pêcheux (2009), Orlandi (2007), Ferreira (2013), entre outros. Para Orlandi (2007), o discurso é o efeito de sentido entre os locutores. Desse modo, é relevante compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia, pois se pode entender que no campo teórico da análise do discurso, corpo e discurso sempre estão associados (FERREIRA, 2013).

Palavras-chave: Discursividade. Posição sujeito. Transexualidade. Professoras trans.

SUBJECT AND BODY IN TRANS TEACHER TESTIMONIALS: IDENTIFICATION PROCESSES

Abstract: The present work of research brings within the discourse analysis relevant knowledge and discursivity about the trans teachers, in order to show the voices, this empowerment in the discourses of these trans teachers. Since it seeks to understand how the trans teacher constitutes herself as a subject, and what meanings are constituted in testimonies in the texts of trans teachers, comprehending from regularities marked in the language, as trans identify themselves. In order to perform the analysis we use the Discourse Analysis theory, based on Pêcheux (2009), Orlandi (2007), Ferreira (2013), among others. For Orlandi (2007), the discourse is the effect of meaning between the announcers. Thus, it is relevant to understand the functioning of discourse, its relation with subjects and with ideology, because it can be understood that in the theoretical field of discourse analysis, body and discourse are always associated (FERREIRA, 2013).

Keywords: Discursiveness. Subject position. Transsexuality. Trans teachers.

¹ O recorte do presente trabalho toma a transexualidade, analisando mais especificamente discursividades de professoras trans. Isso ocorre por se parte da subjetividade da pesquisa em que nos colocamos nas posições sujeitos discente e futura profissional da educação e professores do ensino superior que são constituídos pelas condições de produção que se apresentam sobre essa temática, desse modo, relacionamos a questão da sexualidade-identidade da mulher trans com a profissão docente.

Introdução

Falar sobre a transexualidade de professoras trans se constitui como algo que faz parte de um processo histórico e social, no qual o sujeito se significa através da materialidade corporal. A mudança no corpo, no modo de ser para tornar a pessoa que realmente se deseja ser é um processo que está em constituição, por isso vários discursos são produzidos sobre essa temática mostrando como o preconceito, a violência e paradoxalmente marcas da resistência estão materializadas na linguagem.

Desse modo este estudo pretende compreender os sentidos produzidos no discurso de professoras trans. De acordo com Michel Foucault (1970, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. O poder de empoderar, se faz apoderar, numa perspectiva de resistir, conquistar espaços, especificadamente por professora trans no espaço escolar. Neste sentido, para Figueira-Borges (2016, p. 9), “é relevante ponderar, ainda, que a própria transexualidade comporta limites e bordas o que implica que os sujeitos podem viver a transexualidade de modos diferentes”. Tendo em vista que, o sujeito na condição de trans, não possa usufruir das suas intimidades, particularidades e espaços.

Para dizer sobre isso, selecionamos três depoimentos de professoras trans – Marina Reidel, Alexya Salvador, Paula Beatriz de Souza Cruz – veiculados na internet, pelo Youtube. Para analisar os materiais tomando a relação entre sujeito, corpo e sentidos, utilizamos a teoria da Análise de Discurso, especialmente os conceitos de língua, discurso, formação imaginária.

1. A língua(gem) e incompletude: o ato de definir

Quando iniciamos os estudos da linguagem, o ato de nomear faz parte dos processos de significação. De acordo com Orlandi (2007a), o sujeito é levado a interpretar, assim, compreendemos que o ato de significar também está atrelado ao ato de nomear, de definir, conceituar.

Nessa relação, a questão de gênero fica no entremeio das relações sociais, históricas e linguísticas. Ao definir observamos os termos como homem, mulher, feminino, masculino e compreendemos como estas definições significam uma estrutura

social que é tida como uma constante. Por isso, para este estudo é necessário também marcarmos o sentido de transexual. Para compreendermos como a linguagem é marcada pela incompletude (ORLANDI, 2007), que sempre falta ao dizer.

Assim, trazer as definições de diferentes dicionários é compreender “o funcionamento do dicionário na relação do sujeito com a língua, incluindo sua relação com a memória discursiva” (ORLANDI, 2013, p. 115).

No dicionário *Priberam da Língua Portuguesa* (2011) encontramos as definições a seguir:

Transexual: 1. Que ou o que revela transexualismo.

Transexualismo: Sentimento que alguém tem de pertencer a outro sexo, cujas características físicas deseja possuir ou já possui através de meios médicos-cirúrgicos.

Observamos com as definições estão relacionados com os sentimentos e com as mudanças no corpo. E como o corpo projeta a vivência, os sentimentos, a sensação de completude quando há a mudança física, ou seja, as mudanças físicas são necessárias pois fazem parte da constituição do sujeito enquanto pessoa, para sentir bem com ela mesma.

De acordo com Leite (2008, p. 98), “[...] apenas para insistir na ideia de que todas estas novas ‘identidades’ sexuais em formação neste período têm como base o hermafrodita criado no século XIX”. Apenas em

1910 que surge um dos mais importantes e completos estudos científicos sobre sexualidade e vestimentas: *Die Transvestiten*, traduzido para o inglês como *Transvestites – the erotic drive to cross-dress*, escrito por Magnus Hirschfeld, renomado médico e psicólogo alemão do período e um dos criadores da “sexologia”. Foi este livro que originou os termos “travesti” e travestismo”, associando o uso de roupas do sexo “oposto” a um sentido sexual. (LEITE, 2008, p. 100).

De acordo com Leite (2008), para Magnus Hirschfeld, “travesti” (*transvestite*) vem dos termos em latim *trans*, que significa *através* e *vestitus*, com o sentido de *estar vestido*, e travestismo (*transvestism*) de *trans* e *vestis*, igual a *roupa*. Como vimos, as pessoas designadas como travestis, tem em questão do uso de roupas, acessórios e adereços pertencentes, ao “sexo oposto”. Para tanto podemos observar que desde o período helênico já havia manifestações da transexualidade mas, a partir de

1910 que são materializados os termos “travesti e travestismo. Para Leite (2008, p. 131): “Destas mesclas de teorias e conceitos, a ideia de “transexualismo” começa a se formar a partir do “travestismo”, no início como ramificação de uma variedade deste, depois, adquirindo uma nosografia e caracterização próprias”. Desse modo, podemos compreender que “[...] Por conseguinte durante o século XX, desenvolvem-se lentamente as categorias de ‘travesti’ e ‘transexual’, compreendendo o trânsito entre os sexos e os gêneros como uma manifestação psicopatológica” (LEITE, 2008, p. 6).

A *priori*, podemos notar que no início o transexualismo é visto como separação, uma subdivisão e logo após classificada como uma doença. Conforme Leite (2008), é relevante marcar neste período, a quantidade de intervenções clínicas e estéticas. Para tanto em 1921 quando se começa a entender o transexualismo, Lili Elbe, uma pintora dinamarquesa se torna a primeira transexual a mudar o sexo, vindo a falecer no ano seguinte.

De acordo com Leite (2008, p.178) “Hirschfeld cria o termo ‘transexualismo psíquico, segundo alguns autores em 1910, segundo outros em 1923, para referir-se a um tipo específico do que ele chamou de travestismo”, ou seja, a concepção de transexual sofre constantes variações em sua definição, produzindo em cada momento um tipo de classificação.

Para Leite (2008, p. 178-179) “outros livros atribuem a origem do termo ‘transexual’ a Harry Benjamin nos anos 50 do século XX, enquanto o próprio Benjamin, entre outros, situa o nascimento desta palavra no artigo do doutor D. O. Cauldwell”. Consequentemente, em 1980, o Código Internacional de Doenças (CID), organizado pela Organização Mundial de Saúde, inclui pela primeira vez a palavra “transexualismo”.

Ao procurar esse novo termo “transexual e transexualismo” no *Dicionário Aurélio do século XXI* – ano 2000 – a palavra não é encontrada. Somente nos dicionários mais atuais encontramos a definição, mostrando a mudança, mesmo que demorada, mais significativa, ao estar materializada no dicionário, que é um instrumento de gramatização (AUROUX, 1992). Sendo em sua discursividade, produzindo deslocamentos de sentidos. Nesse caso, trazemos dicionários desde online, ao Aurélio e Houaiss, como também dicionários especializados para compreender essas diferenças ao apresentar definições para o termo “transexual”.

No dicionário *Dicio da Língua Portuguesa*² temos:

Transexual: adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros. Que está relacionado com a mudança de sexo: procedimento cirúrgico transexual. Particularidade da pessoa que fez algum tipo de tratamento cirúrgico para possuir características do sexo oposto.

Transexualismo - Sentimento de identificação total (mental e física) com o sexo oposto. Demonstra aversão ou desajuste sentido em algo.

Neste segundo caso, observamos que as definições estão relacionadas no sentido de que há uma necessidade de mudança, com procedimentos cirúrgicos no corpo, para ser um sujeito transexual. Criam protótipos, paradigmas para a definição do ser. Podemos analisar que não enfatiza o sentimento de vivenciar, desfrutar daquilo que o sinta, sem necessariamente passar por adequações. O dicionário Dicio ainda traz a definição de transexualismo como “aversão ou desajuste”, ou seja, a definição de desajuste vem de distúrbios, isto é, você faz terapia hormonal ou procedimentos cirúrgicos para se sentir um(a) ou uma (o) transexual e ainda sofre anomalias. Para Orlandi (2007a, p.55) “há sempre o incompleto, o possível pela interpretação outra. Deslize, deriva, trabalho de metáfora. Esta incompletude que nos faz averiguar cada vez mais quem somos”. Neste sentido, sempre haverá uma incompletude na constituição sujeito na/pela falta do dizer.

No dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa* (2009) encontramos as definições a seguir:

Transexual: 1 Que manifesta o transexualismo. 2- Que recebeu tratamento médico e cirúrgico para adquirir as características físicas do sexo oposto. 3- relativo a transexualíssimo. 4- relativo a mudança de sexo.

Transexualismo: Sentimento de total falta de adaptação ao próprio sexo, associado a um desejo forte de adquirir as características físicas do sexo oposto. (HOUAISS, 2009, p. 1867).

E no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2009):

Transexual: Diz-se de, ou pessoa que adota trajes e comportamentos de sexo oposto em que busca, via cirurgia, a transformação sexual. (FERREIRA, 2009, p. 1976)

²Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 20 nov. 2018.

A partir dessas definições, compreendemos que estas se diferem em alguns aspectos, umas relacionadas a comportamentos, sentimentos, outras a tratamento médico, essas formulações significam que a transexualidade se constitui num real da língua, como algo da ordem do impossível, impossível de se dizer (PÊCHEUX, 2008), porque o ato de definir produz em contrapartida uma limitação dos sentidos. Nesse aspecto, podemos dizer que a própria transexualidade, na língua, comporta limites, limites que não dão conta das múltiplas possibilidades de sentidos. Conforme Orlandi (2007, p. 52), é “[...] o impossível de se dizer tudo. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente”.

Depois das definições dos verbetes de dicionários, trazemos conceitos mais teóricos que mostram outros sentidos que vão além dos sentidos estabelecidos. Para Figueira-Borges (2016, p. 1): “A transexualidade instaura uma problemática contemporânea que conduz repensar a materialidade dos corpos e das identidades de gênero que lhe são atribuídas”. A partir disso, compreendemos que a transexualidade causa um conjunto de questões em nossa contextualidade atual, o que nos leva a ponderar sobre a concretude desses corpos.

Para Borba (2016, p.44): “Tal construção discursiva estabeleceu os campos em que “transexuais verdadeiros” podem se engajar, i.e., eles devem desejar submeter as cirurgias, odiar seus órgãos genitais e contar narrativas do tipo “sou um homem, uma mulher no corpo equivocado”. Nessa mesma direção, afirma que essa “genealogia dos discursos sobre transexualidade feita aqui considera o modelo “transexual verdadeiro” emergiu a partir das constelações de saber/ poder dentro de campos de conhecimento médico” (Idem).

Segundo Borba (2016, p. 34)

No sistema único de saúde (SUS) para que uma pessoa transexual tenha seu cuidado à saúde integral garantido ela necessita receber um diagnóstico psiquiátrico para que as cirurgias de redesignação sexual e a terapia hormonal sejam oferecidos gratuitamente pelo estado.

Borba (2016) apresenta uma definição de acordo com Benjamin (1966:45), O “transexual verdadeiro”, “seria invertido, ansioso, assexuado” e, paradoxalmente, “heterossexual”. Segundo Benjamin:

1) vive uma inversão psicossocial total; 2) pode viver e trabalhar como uma mulher, mas apenas vestir as roupas não lhe dá alívio suficiente; 3) intenso mal-estar de gênero; 4) deseja intensamente manter relações com homens e mulheres normais; 5) solicita a cirurgia com urgência; 6) odeia seus órgãos genitais (BENJAMIN, 1966/1999:45, apud BORBA, 2016, p. 42).

Compreendemos que essas definições apresentadas por Borba, tal como as acepções dos dicionários, não dão conta de expor todas as condições e especificidades relacionadas à transexualidade. Essas definições generalizam, e produzem uma formação imaginária (ORLANDI, 2007a) sobre o transexual. “Percebe-se então que a construção social do que pode ou não ser reconhecido como corpo, sexo ou ser humano é um jogo de relação entre poderes que se organizam, embatem e criam resistências dentro das normas de gênero” (LEITE, 2008, p. 115).

Nessa condição, o ato de definir silencia outros sentidos possíveis, e sendo o discurso médico, legitima alguns sentidos e apaga outros. Segundo Orlandi (2007b, p. 27): “Quando o homem, em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou a linguagem para retê-lo”. A autora coloca que o silêncio é o “real da significação” (p. 29). Nessa direção, que ao trazer as definições de transexual e transexualismo observamos como outros sentidos são silenciados, e como os discursos diferem entre um autor e outro.

Um exemplo disso é Berenice Alves Melo Bento (2015) que, ao contrário de outros autores, compreende que a transexualidade ocorre a partir do processo de identificação do transexual, não havendo necessidade de cirurgia física, pois, os “critérios estabelecidos partem das subjetividades dos próprios sujeitos e suas narrativas, portanto, não se deve absolutizar o critério da cirurgia da transgenitalização (cirurgia de mudança de sexo ou cirurgia de redesignação sexual)”. (BENTO, 2015, p. 353).

Outro aspecto apresentado pela autora, que difere das outras definições, é a compreensão de que a transexualidade não é uma doença. Para Berenice Bento (2015, p. 354)

Ao contrário dessa perspectiva patologizante, a transexualidade pode ser definida como uma dimensão identitária localizada no gênero e se caracteriza por explicitar a incoerência das normas de gênero, na medida em que as pessoas que a vivem reivindicam o reconhecimento social e legal do gênero diferente do informado pelo sexo, independente da realização da cirurgia de transgenitalização.

Essas concepções apresentadas por Bento (2015) mostram a atualização dos sentidos e da busca de se compreender a transexualidade, a partir de condições históricas e sociais mostrando uma transformação de acordo como o momento atual. Por isso que somente o fato de haver um registro no dicionário, também significa. Um exemplo é a própria definição de transexualidade de Berenice Bento que apresentamos. Essa definição se trata de um verbete presente no *Dicionário Feminino da Infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência* (FLEURY-TEIXEIRA, MENEGHEL, 2015), dicionário especializado que mostra o quanto essas questões têm se tornado relevantes e colocadas em evidência na atualidade, mostrando assim como a língua está em constante movimento.

2. Discurso e corpo

Para compreender o discurso das professoras trans, que constituem o “corpus”, apresentamos a noção de discurso para a teoria desenvolvida por Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, no Brasil. Para Orlandi (2007a), discurso é um efeito de sentido entre os locutores. O discurso não é visto como uma liberdade sem determinações históricas. Entretanto, a língua é uma possibilidade para o discurso. Como diz M. Pêcheux (1975), citado pela autora, sob a forma de um bloco homogêneo de regras organizado à máquina de uma lógica. A relação é de recobrimento, não havendo, portanto, uma separação estável entre eles. No entanto, não há fronteiras entre língua e discurso. Uma vez que as condições de produções, dá condição para o sujeito e a situação. Essas condições de produção incluem o contexto sócio histórico, ideológico. Neste sentido é relevante compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia.

A partir da discussão que Ferreira (2013) apresenta, podemos entender que no campo teórico da Análise de Discurso, corpo e discurso sempre estão adjuntos. O corpo está correlacionado à ideologia, uma vez que o mesmo é moldável e visto como objeto de visualização, tendo em conta que o sujeito deixa se transparecer ao olhar do outro. Para a autora: “Assim como a língua não é um ritual sem falhas (como nos lembra Pêcheux), a ideologia também não o é e tampouco o corpo”. (FERREIRA, 2013, p. 78). Por isso, é imprescindível a inclusão do corpo no campo discursivo, por

consequente, o corpo fala. É compreendido como um processo de construção.

Considerá-los como estruturados numa interface permite enriquecer as noções de fronteira, de limite, numa perspectiva psicanalítica e que interessa ao olhar discursivo. O autor mostra que certos superinvestimentos ou carências de determinadas funções do eu dão conta de desordens psíquicas, como o masoquismo perverso, o núcleo da neurose ou a distinção entre personalidades narcísicas e estados-limite. E tudo isso se mostrando e se inscrevendo no corpo, enquanto invólucro, camada protetora, escamoteadora do eu. (FERREIRA, 2013, p. 78).

Após as leituras da tese de Reidel (2013), *Pedagogia do Salto Alto*, pode-se compreender que a transexualidade vai além da prisão de corpos! É como viver em um casulo adormecido.

A descoberta de gênero das professoras travestis, entrevistadas por Reidel (2013), em grande parte foi na infância. Essa descoberta de gênero, percorrem por caminhos diversos, até chegar a transformação. Esse processo gera tensões e conflitos. No processo de transformação, a figura do pai parece ser mais afetada em relação a transexuais e travestis. Para tanto, é na adolescência que transexuais, iniciam suas transformações em busca de hormônios com dicas de outras. Neste sentido, silicone e hormônio já são consumidos na adolescência de forma clandestina, as políticas públicas não são discutidas na área da saúde.

As transformações do corpo e da estética de transexuais, envolvem elementos heterogêneos, que interferem no direito de acesso a escolhas frente a proteção e garantias da sua qualidade de vida, tais como apontam as pesquisas dos autores citados por Reidel (2013) como Benedetti (2000), Peres (2005) e Pelucio (2007).

Esses processos de constituição do transexual fazem refletir como os sujeitos se se significam e como isso é interpelado pelas relações sociais, assumindo diferentes posições sujeitos. Diante disso, analisamos a mulher trans na posição de professora e das vivências que convergem em sentidos de aceitação e preconceito.

3. Violência e preconceito e processos de identificação: corpo e sujeito

Para efeito de análise, selecionamos um recorte de três depoimentos, isto é, três Sequências Discursivas (SD). Observamos que as definições de transexualidade

atravessam os sentidos produzidos nas formulações das professoras trans. Identificamos alguns a necessidade da tecnologia para a mudança do corpo, e outros nem tanto. Mas, importante é registrar que nos três depoimentos a questão da identidade se marca fortemente. Começamos, portanto, pelo discurso realizado pela Marina Reidel³.

Na primeira SD, observamos o funcionamento do discurso da violência:

SD1: “Minha história de vida começa na infância em uma cidade do interior, **fui agredido** na escola por ser homossexual, **é uma coisa difícil**, adolescência também, foi uma adolescência com **conflito**.”

Desde o início o “conflito” é algo que caracteriza a condição da transexual. Segundo Louro (*apud* REIDEL, 2013), para alguns alunos, a escola pode ser um inferno, principalmente para os que não pertencem ao grupo da heteronormatividade. Esses alunos sofrem o tempo todo com violência, como agressões verbal e física.

Na segunda SD, observamos o discurso do preconceito:

SD2: “A adolescência também foi uma adolescência com **conflitos**, a **família vinda do interior**, sendo de **origem Alemã**, tudo se tornava um pouco difícil”.

Notamos nesse discurso de Reidel, marcas, dificuldades, sofrimento, preconceito vivenciado, também, por vir do interior, ser de origem Alemã.

Observamos a repetição da palavra “conflito” que, na SD2, é materializada no plural. Essa repetição marcada na língua, significa o sujeito e as relações sociais que o constituem. Para Orlandi (2007a, p. 37), “[...] a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia [...]”, ou seja, se constitui como um ritual que falha, e essa mesma falha permite a produção dos sujeitos e dos sentidos. No caso de Reidel, a repetição do termo remete ao preconceito que é grande em relação a transexual e, de certa forma, isso faz parte da sua constituição como sujeito, que lutou/luta para poder se significar na sociedade como ela deseja ser.

Na terceira SD, analisamos a discursividade sobre a fase adulta:

³Professora Trans dá depoimento na novela Viver a Vida. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=cNDnzdU6j8M>. Acesso em 20 nov. 2018.

SD3: “A escola que busquei como elemento para minha vida profissional como professora hoje, ela então **veio reforçar as questões que ficaram pendentes** em toda essa fase da adolescência e da fase da infância”.

Quando o sujeito retoma, no seu dizer, **veio reforçar as questões que ficaram pendentes**, inclusive, remetendo à escola, ele reforça, também o quão o espaço escolar é um aparelho ideológico carregado de preconceitos. A expressão **questões que ficaram pendentes** pode ressignificar os termos “conflito/conflitos” formulados nas SDs 1 e 2, pois produz efeito como algo sempre a se buscar, mudanças nas relações sociais.

Para dialogar com as SDs acima, trazemos o que Reidel comenta: “Teve vez que uma mãe tirou o filho da escola, e segundo relato da diretora, por que eu não era uma pessoa indicada para dar aula para o filho deles”, ao analisar essa SD, percebemos o preconceito impregnado dessa mãe para com a professora do seu filho.

Compreendemos que “[o] preconceito é de natureza histórico-social, e se rege por relações de poder, simbolizadas. Ele se realiza individualmente, mas não se constitui no indivíduo em si e sim nas relações sociais, pela maneira como se significam e são significadas” (ORLANDI, 2013, p.222). Assim, para que o preconceito não ocorra, são as relações sociais que devem mudar, pois para Figueira-Borges (2016, p. 2): “Torna-se imprescindível trabalhar a transexualidade na escola, posto que ela emerge nos dias atuais enquanto uma sexualidade possível de ser vivida”.

Nessa direção, Reidel mostra outras práticas que se dão para evitar o preconceito vivido nas escolas:

No entanto nessa questão, a maioria dos pais, as vezes me pediam que eu assumisse ou desce aula para os filhos deles, em função de todo trabalho que desenvolvia, que não tinha nada a ver com a minha questão sexual. De todas as conquistas a maior vitória da minha vida, foi realmente ser reconhecida como educadora.

Uma vez que Reidel passa por esses desafios no seu dia a dia, ela mostra para a sociedade e pais de alunos, que sua orientação sexual, não implica na condição do trabalho desenvolvido na escola. A partir dessas constitutividades, Reidel se empodera como professora, e ser uma educadora para ela, hoje é sua maior conquista.

Na questão sobre a mudança na aparência, selecionamos a SD que segue:

A minha transexualidade aconteceu na fase adulta, **aos poucos o professor começou deixar os cabelos compridos, aos poucos o professor botou um brinco na orelha, então no momento X, eu decidi**, bom, “agora eu vou me transformar” **sai do homem** onde eu usava calça jeans e sapatos, e **voltei em outro momento onde, eu poderia botar um vestido ou uma saia ou um salto.** (Grifos nossos)

Observa-se com o discurso de Reidel, marcações na fala onde houve a necessidade de se colocar como professor no gênero masculino, ela não se via como uma professora trans, sem antes fazer essas adequações, moldes no corpo; uma vez que decide ser ela mesma, em que essas transformações vão ocorrendo em determinados momentos. Para tanto, em outro momento, ela volta, mas em um vestido e salto alto, sendo ela mesma em primeira pessoa.

Notamos nesse discurso que houve um distanciamento, deslocamento de mudanças, passando do professor para “eu”. Vejamos

[...] o corpo transexual entra nessa dinâmica social no momento em que ele é convidado a se movimentar nos espaços, a reinventar práticas, a delimitar novas posturas e novas possibilidades de se viver na contemporaneidade. (FIGUEIRA-BORGES, 2016, p 5).

Por isso, no depoimento de Reidel, observamos as formulações “o professor” e o “eu”. Essa mudança constitui uma relação de diferentes posições de sujeito. Para Orlandi (2007a), o sujeito para a Análise de Discurso não é o sujeito empírico, indivíduo, mas sim efeito de sentido constituído na relação com o outro. Desse modo, no depoimento de Reidel, a fala inicia com o uso do pronome “minha”, depois passa a usar o termo “o professor”, ao descrever a mudança na aparência, até chegar ao “eu” em “eu decidi”, significando diferentes posições sujeitos, entre o “ele” (o professor) e o “eu”.

Essa dualidade que produz mostra uma constituição do sujeito que só considera a si mesmo quando muda, faz a “transformação”. Porém, questionamos que a vivência anterior também faz do sujeito, e isso o significa na sua mudança. Esse dizer se repete depois nas falas das outras duas professoras trans, fazendo-nos refletir sobre como o sujeito não se reconhece em um momento para se reconhecer no outro, após a mudança. Isso produz sentidos de incompletude nos quais as posições sujeitos ocorrem nessa relação, na relação com o outro, com o social, com o histórico, com o corpo. Como se a mudança marcasse uma completude que, para nós da Análise de Discurso, é

apenas imaginária. Há diferentes sujeitos e diferentes sentidos que ocorrem através das relações sociais, históricas e ideológicas.

Na formulação de Reidel, observa-se que somente sente-se “eu” ao dizer “saí do homem”, ao poder usar uma saia ou um salto, ou seja, poder ser/agir como de acordo com a sua vontade, sendo isso marcado pela sua aparência. Nessa relação, podemos compreender o salto com símbolo da feminilidade desejada.

O corpo está correlacionado a ideologia, uma vez que é moldável e compreendido como objeto de visualização, produzindo efeitos no/para o outro. Para Reidel, marca a diferença entre um momento e outro, pois as mudanças feitas no corpo, mostram o desejo de decidir ser ela mesma. Como se antes ela não existisse, como se quisesse também apagar aquela situação conflituosa em que vivia, para poder viver como se deseja.

Para Orlandi (2012 p. 47, ideologia e o inconsciente estão materialmente ligados”, sendo que os sentidos das palavras não se afirmam. O discurso e a ideologia se constituem numa relação com a história, compreendendo que todo discurso produz um sentido. Neste caso, as palavras ao mesmo tempo podem ter sentidos diferentes, neste caso é relevante o uso de metáforas na Análise de Discurso, dando um sentido de transferência. É o que ocorre na mudança entre “o professor” e “minha” / “eu decidi”, em que o deslocamento produzido ressignifica a posição sujeito que imprime o modo como se assume como professora trans.

Nessa direção, refletimos com mais dois depoimentos. No depoimento da professora trans Alexya Salvador⁴ recortamos:

Sou Alexya Salvador, tenho 36 anos, sou professora, sou pastora auxiliar da igreja comunidade metropolitana, costureira, louca, tudo.

[...]

A minha transição se dá no momento de muita angústia e depressão que tava afetando meu trabalho, então eu tiro uma licença de quinze dias e volto como professora Alexya.

Eu entrei e falei “Olha, gente, vocês já me conhece mas não me conhecem na totalidade, essa sou eu de verdade, a partir de hoje e sou a professora Alexya.

[...]

Eu vivia na escola na década de 80 onde eu apanhava todos os dias na semana, eu era a bichinha da turma, eu era o viadinho que apanhava e meus diretores não faziam nada.

⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ID-CATe83yw> Acesso em 20 nov.2018.

Nessas formulações, encontramos várias posições sujeitos, caracterizando a mudança de identidade. Os termos vão desde “professora” a “louca” e encerra-se com a palavra “tudo”. O pronome indefinido **tudo** satura os sentidos todos, compreende, portanto, a realização. E essa realização também está relacionada a profissão de professora. Tal como Marina que diz: “De todas as conquistas **a maior vitória da minha vida** foi realmente ser reconhecida como educadora”.

Outra questão que se apresenta é a necessidade de se colocar em diferentes posições: “sou professora, sou pastora auxiliar da igreja comunidade metropolitana, costureira, louca, tudo” / “reconhecida como educadora”, como se o sujeito devido a sua condição de transexual necessitasse de se afirmar na sociedade se constituindo em lugares que o corpo trans não estaria inserido. É uma luta para poder ser afirmar como professora trans, se significando através do trabalho, da profissão de professora, principalmente, entre outras.

O material de análise nos faz questionar como outro modo do preconceito se significar, marcado pela necessidade de ser bem-sucedido, atravessado por discursos religioso e histórico, como também do discurso socioeconômico, pois para ser sujeito na sociedade capitalista atual é necessário se afirmar em vários lugares sociais.

Outro aspecto importante é referente ao momento de transição, aqui Alexya usa os termos “volto professora Alexya”, **não me conhecem na totalidade, essa sou eu de verdade**. A palavra “totalidade” remete a formação imaginária de completude. E também de realização. Na mesma direção, a palavra “verdade” é significativa em sua colocação, como se houvesse a separação entre o real e o fictício, entre a verdade e a mentira. Nesse caso, a mentira é o momento em que a pessoa não se identifica com o corpo. Somente depois da “transformação” Alexya se sente ela mesma. Podemos fazer relação com Marina que formula os termos “o professor”, “eu decidi” e “saí do homem”. É como se fosse uma mentira, deixa de fazer aquele papel para ser o “eu” verdadeiro.

No depoimento de Paula Beatriz de Souza Cruz⁵ temos:

Eu tinha uma infância como adolescência de querer saber de fato quem eu era. Uma tia minha que falava único sobrinho ou/e sobrinha que cumpriu o que ia ser quando crescesse [...] fui eu, eu sempre disse que ia ser professora.
[...]

⁵Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oCc38U6p_xM. Acesso em 20 nov. 2018.

Estar nesse cargo de diretora tem duas visões enquanto sendo a mulher diretora, porque ela tem o olhar quanto uma gestora, como o olhar da mãe, da tia, da irmã.

Na fala de Paula observamos uma falha na língua ao dizer “sobrinho ou/e sobrinha” mostra esses momentos de transição, entre o feminino e o masculino, da mesma forma que vimos tanto em Alexya e principalmente em Marina. Essa condição de transição atravessa os discursos das três professoras trans, que somente são, em seus discursos, significadas a partir da mudança entre “eu” anterior e o eu atual. Como se pudesse apagar o outro eu, que ainda faz parte de sua constituição, marcado na fala de Paula ao titubear ao dizer sobrinho e/ou sobrinha”.

Outro ponto relevante na fala de Paula é referente também às várias posições que esta assume: diretora, gestora, mãe, tia, irmã etc., isso materializa no discurso a necessidade de se significar na relação com outro. Nesse caso, ser ela mesma, como diz Marina e Alexya, está ainda relacionada às condições sociais e históricas em que estão inseridas. Ser professora é um objetivo a ser alcançado e bem alcançado, mas que ainda as significam dentro de um discurso que “[...] deriva de um universo logicamente estabilizado [...]” (PÊCHEUX, 2008, p. 22). Isso mostra que as mudanças são possíveis, mas é necessário que o sujeito continue a lutar para poder se ressignificar e ressignificar as práticas sociais.

Considerações finais

Discutir sobre a transexualidade de professoras trans possibilitou um olhar mais aprofundado para uma questão pessoal. As análises dos depoimentos apresentaram como as professoras trans se constituem numa relação entre o eu e o outro. O processo de identificação é marcante nas falas. O modo como se identificar no próprio corpo significa o sujeito na relação com o social, no caso, com a escola. E poder se significar nesse lugar que ainda não é instituído para as professoras trans mostra as possibilidades de mudanças que ainda podem ocorrer.

Por outro lado, mostra que há um longo percurso a se percorrer para que mais mudanças ocorram, ou seja, vivemos nesse batimento entre a paráfrase – o mesmo – e a polissemia – e o diferente (ORLANDI, 2007a). Por isso a necessidade de se

discutir mais e mais sobre tais temáticas para que assim possamos produzir diferentes efeitos de sentidos.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- BENTO, Berenice Alves Melo. “Transexualidade”. In: FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth; MENEGHEL, Stela (Orgs.). **Dicionário feminino da infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2015. p. 353-355.
- BORBA, Rodrigo. Receita para se tornar um “transexual verdadeiro”: discurso, interação e (des) identificação no processo transexualizador. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas n. 55.1, jan./abr., 2016. p. 33-75. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v55n1/0103-1813-tla-55-01-00033.pdf>. Acesso em 20 nov. 2018.
- DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Edição em português do Brasil para Kindle, junho 2011.
- DICIONÁRIO DICIO, online de Português. Edição 2009-2018.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. **Redisco** – revista eletrônica de estudos do discurso e do corpo. Vitória da Conquista, v. 2. N. 1. 2013. P. 77-82. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewfile/1996/1723>. Acesso em 13 out. 2018.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. Ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Notas sobre o corpo-feminino-trans no espaço escolar. In: **Formação de professores e demandas educacionais: plano nacional de educação, inclusão, estágio curricular e Pibid** / Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 153-166. Disponível em: http://cdn.ueg.edu.br/source/vii_cosemp_-_campus_ipora_269/conteudoN/6873/Livro_2016.pdf. Acesso em 10 de ago. 2018.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** (1970). São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- HOUAISS, Antonio, VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LEITE JR., Jorge. “Nossos corpos também mudam”: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo, Pontificia

Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2008. Ciências Sociais (Tese de Doutorado). Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3992>. Acesso em 07 dez. 2018.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007b.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso em análise**: Sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni. P. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

REIDEL, Marina. **A pedagogia do salto alto**: história de professoras transexuais e travestis na educação brasileira, UFRGS, 2013. (Dissertação de Mestrado)

YOUTUBE. **Professora Trans dá depoimento na novela Viver a Vida**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=cNDnzdU6j8M>. Acesso 04 abr. 2018. Versão estendida. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/viver-a-vida/portal-da-superacao/platb/tag/marina-reidel>. Acesso em 07 mai. 2018.

YOUTUBE. **'Não abro mão do respeito': o cotidiano de uma trans como professora, pastora e mãe**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ID-CATe83yw>. Acesso em 20 nov. 2018.

YOUTUBE. **Diretora reforça a importância da autoconfiança e união feminina**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oCc38U6p_xM. Acesso em 20 nov. 2018.